



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**VIVÊNCIAS E TEORIAS NA/DA PRÁTICA ESCOLAR: A PRIMEIRA  
INFÂNCIA NO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE  
JANEIRO**

**LIGIA AURELIO VIEIRA PIANTA TAVARES**

**RIO DE JANEIRO**

**2017**

**LIGIA AURELIO VIEIRA PIANTA TAVARES**

**VIVÊNCIAS E TEORIAS NA/DA PRÁTICA ESCOLAR: A PRIMEIRA  
INFÂNCIA NO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE  
JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para  
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

---

Leonardo Villela de Castro (Orientador)

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro

2017

LIGIA AURELIO VIEIRA PIANTA TAVARES

**VIVÊNCIAS E TEORIAS NA/DA PRÁTICA ESCOLAR: A PRIMEIRA INFÂNCIA  
NO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO**

Avaliada por:

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Maria Fernanda Rezende Nunes  
Programa de Pós-graduação em Educação  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“A infância, entendida em primeira instância como potencialidade é, afinal, a matéria-prima das utopias, dos sonhos políticos dos filósofos e educadores” (KOHAN, 2004)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu Pai, minha Mãe e meu irmão Rafael, que desde o início me guiaram ao caminho do Magistério e estiveram ao meu lado desde sempre em todas as dificuldades e alegrias em toda minha vida e em especial nestes anos de faculdade.

Ao meu pai, a pessoa que me aconselhou a vida inteira a perseguir meus sonhos, a me tornar o melhor que eu possa ser. A minha mãe, meu modelo de mulher, lutadora desde tenra idade. Me incentivando a ser independente. Ao meu irmão, amigo e companheiro, meu modelo do que fazer e do que não fazer. Me mostrou mundos desconhecidos, através de livros, desenhos e da música.

## AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) por me proporcionar momentos e aprendizados outros.

As amigas e companheiras que a UNIRIO me deu, em especial Ana Clara, Beatriz, Bianca e Nathália, fortalecendo nosso laço a cada dificuldade e conquista que tivemos. Ao transporte público por nos proporcionar as melhores voltas para casa que jamais poderíamos imaginar que teríamos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mais especificamente ao subprojeto Pedagogia/Educação Infantil, por me acolher e me transformar a cada momento, obrigada por me ajudar a tornar a professora que sou hoje.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Sanches por nos motivar a sempre buscar mais conhecimento, a nos incentivar a questionar e por nos guiar em nosso caminho na formação docente. As professoras e professores que passaram e continuam fazendo a diferença no PIBID, Thiago, Elaine, Renata, Ana Paula e Zé, agradeço por todo momento de conversa e troca em todos estes anos.

Aos meus professores da UNIRIO que além de serem maravilhosos, atenciosos, foram e são ótimos amigos. Aos funcionários da UNIRIO que nos ajudam e orientam em tempos de dificuldade. Um agradecimento especial para as funcionárias da limpeza que em somente uma conversa me mostrou um conhecimento e luta dentro delas que eu não pensaria que elas tinham obrigada por tudo, pelos sorrisos que muitas vezes alegam nossos dias de luta pela UNIRIO.

Por fim, dedico minha formatura à minha família e amigos, a presença e força de vocês foi imprescindível para o meu caminhar, a mim por ter conquistado e passado por tantas coisas e principalmente dedico ao meu pai, a pessoa que me fez dar uma chance à Pedagogia e que não está mais comigo, mas sei que onde estiver está orgulhoso do caminho que trilhei e ao qual ainda me aguarda muitas vitórias e alegrias.

TAVARES, LIGIA AURELIO VIEIRA PIANA. **VIVÊNCIAS E TEORIAS NA/DA PRÁTICA ESCOLAR: A PRIMEIRA INFÂNCIA NO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO.** Brasil, 2017, 50 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

### **RESUMO**

Este presente trabalho de conclusão de curso (TCC) trata sobre minhas vivências nestes anos de PIBID/Educação Infantil, as teorias que me cercam e me fazem *experienciar* a prática da *ação-reflexão*. Escrevo sobre o que ocorreu e que registrei em meu caderno de campo. Reflito sobre o vivido, elaborando novas práticas em conjunto com o grupo de bolsistas, a professora coordenadora e as professoras supervisoras. Dessa forma, debatemos nossos acertos e erros, pensamos sobre o que podemos melhorar, em maneiras de enriquecer tanto o nosso cotidiano quanto o das crianças que acompanhamos. Por meio dessa reflexão, dessa conversação, desse filosofar em grupo, podemos repensar a prática e transformá-la, visando o melhor aproveitamento dos nossos conhecimentos unidos com os quereres e saberes das crianças.

**Palavras-chave:** educação infantil, formação de professores, currículo no cotidiano.

## Sumário

<b>Resumo.....</b>	<b>07</b>
<b>Introdução: um memorial.....</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo 1: As bases que tecem meu caminhar</b>	
<b>1.1: O PIBID.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2: O ISERJ .....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2: Escritos e registros na prática</b>	
<b>2.1: “Tia, você tem dever de casa?” (Kaylanne, 5 anos) .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 3: A construção do eu como estudante-pesquisadora</b>	
<b>3.1: O desenvolver na Creche.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2: O desenvolver na Pré-escola: Infantil IV.....</b>	<b>21</b>
<b>3.3: O desenvolver na Pré-escola: Infantil V.....</b>	<b>29</b>
<b>3.4: O desenvolver na Pré-escola: Infantil IV, uma nova turma.....</b>	<b>32</b>
<b>3.5: O desenvolver na Pré-escola: Infantil V, a nova turma .....</b>	<b>34</b>
<b>Capítulo 4: Tecendo o ponto final</b>	
<b>4.1: “Tia, você vai vir amanhã?” (Kaylanne, 5 anos) .....</b>	<b>44</b>
<b>Referências.....</b>	<b>48</b>

## **Introdução: um memorial**

Em agosto de 2013, entrei na turma de Pedagogia do turno Vespertino na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pensando que iria refazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para tentar subir minha nota e alcançar o curso que eu ainda imaginava ser de meu desejo. Porém, a Pedagogia me encantou e decidi ficar mais um período. E, no início de 2014, o Edital nº 01/2014 – Bolsas de Iniciação à Docência foi divulgado, ofertando inscrições para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>1</sup>, no qual me inscrevi e fui aprovada no Subprojeto Pedagogia/Campus Urca: Educação Infantil, com coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Sanches Sampaio<sup>2</sup>, para atuar no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), onde atuo até hoje. O subprojeto de Educação Infantil foi o único no qual me inscrevi por se tratar da minha área de interesse, sendo meu foco durante todo caminhar no decorrer de minha graduação.

Em minha atuação no PIBID, comecei nas turmas da Educação Infantil 1ª etapa: Creche, com crianças fazendo 3 anos até meados do ano. Segui com minha turma até o começo do ano de 2016, momento em que uma greve assolava nosso país e prejudicou o andamento das aulas. Houve paralisação das aulas e no retorno ocorreu nova divisão dos horários, o que me impediu de continuar acompanhando aquela turma. Nesse revés entrei em outra turma, na Educação Infantil 2ª etapa: Pré-escola, mais especificamente no Infantil IV, com crianças completando 4 anos até meados do ano, na qual ainda permaneço. Se tornou mais complicado do que eu esperava essa transição de turma, foi difícil esse corte repentino com minha antiga turma e acreditei por um certo tempo que a situação poderia voltar ao que era antes, contudo isto não ocorreu. Primeiramente neste momento onde comecei a perceber e me interessar pelo “acontecimento”, dito este como algo devido ao agora, ao inesperado, algo diretamente ligado à Pedagogia do acontecimento. Como disse João Wanderley Geraldi em seu livro “A aula como

---

<sup>1</sup> Órgão do Ministério da Educação, inicialmente responsável somente pelo reconhecimento e avaliação da pós-graduação stricto-sensu, e a partir de 2007 passou a responsável também pela ampliação de pessoal qualificado no Brasil e no exterior, envolvendo professores da educação básica;

<sup>2</sup> Professora da Escola de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UniRio. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: *Práticas Educativas e Formação de Professores* (GPPF/UniRio) e da *Rede de Formação Docente Compartilhada* (Rede Formad). Contato: carmensanches.unirio@gmail.com.

acontecimento”, às vezes o que esperamos não acontece, as crianças não abraçam a ideia que sugerimos, ocorrem greves, mudanças pessoais que não temos controle sobre, só o que podemos fazer é estar preparados para todos os percalços que podemos vir a enfrentar.

Durante o tempo no PIBID, pude conhecer e participar de variados Colóquios, Simpósios e de um curso oferecido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) no ano de 2015 intitulado “Escolas Inventadas – ANO II: tempo de educação, presença da filosofia?”, tudo contribuindo para me inventar e reinventar a cada pensar, a cada nova teoria e debate, dos quais tomava conhecimento e participava, sempre procurando construir a profissional que desejo ser. Ao ser vinculada ao PIBID também me vinculo a Rede Formad<sup>3</sup> e ao grupo de pesquisa GEPPF<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Rede de Formação Docente – Narrativas e Experiências;

<sup>4</sup> Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores;

## **Capítulo 1: As bases que tecem meu caminhar**

### **1.1: O PIBID**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa promovida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que é uma fundação ligada ao Ministério da Educação (MEC) e acolhida por universidades em todo o país. A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) na qual curso graduação em Pedagogia participa deste programa e, no projeto da área de Pedagogia desenvolve 3 subprojetos: a) Educação Infantil; b) Ensino Médio e c) Ensino Fundamental.

O projeto PIBID tem como objetivo inserir os alunos de licenciatura no meio escolar, a fim de proporcionar a estes alunos a chance de vivenciarem o dia a dia de uma escola, trabalhando teoria na prática. A coordenadora do PIBID na UNIRIO na época em que ingressei no projeto era a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Rosana Fetzner e a coordenadora de gestão era a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Viana e, atualmente, temos como coordenadora a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Brito e como coordenadora de gestão a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Pralon. Sou bolsista do subprojeto de Educação Infantil, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Sanches Sampaio, que inicialmente contava com três professores supervisores sendo Elaine Matias, Renata Alves e Tiago Ribeiro, sendo que este último não continuou trabalhando nesta escola e acabou por se desvincular do programa. No decorrer do projeto tivemos mais duas aquisições de professores pesquisadores, a professora alfabetizadora Ana Paula Venâncio (professora do ensino fundamental no Cap/ISERJ) e o doutorando José Ricardo Santiago, esses por sua vez são professores pesquisadores.

Neste programa nós já entramos na escola tendo autorização dos pais para registrar por meio de fotografia e vídeo as crianças, seus atos e suas falas. E construímos com as crianças uma autorização que elas concordem e tenham ciência. Como, por exemplo, esta feita com a turma 51:

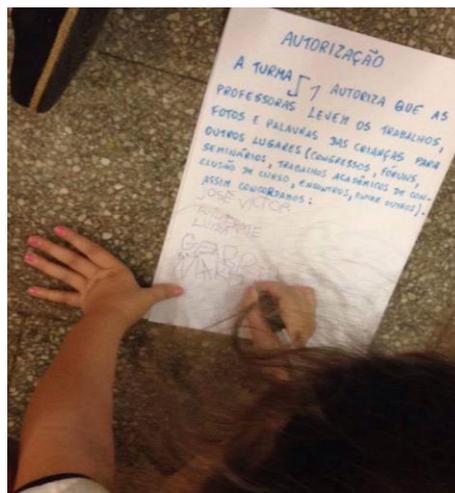


Foto: Autorização feita pela turma 51, em 2017.

Para o PIBID continuar em funcionamento realizamos relatório semestralmente e apresentamos para a nossa coordenadora e anualmente a mesma elabora um relatório a fim de passar para a coordenadora geral do PIBID na UNIRIO e por fim, esta realiza um relatório final de todos os projetos do PIBID na nossa universidade e encaminha para a CAPES para esta avaliar e deduzir se os projetos estão dentro dos critérios por ela desejados.

Uma das nossas atribuições como bolsista PIBID é participar das apresentações e atividades que o mesmo propõe como rodas de conversa e apresentações em pôster ou oralmente. Em meu primeiro ano como bolsista em 2014 apresentei sobre o projeto que estava fazendo aquele ano junto com a pibidiana Beatriz intitulado “Projeto Agregando Cultura na Educação Infantil I - Parte 1 Folclore” onde relatamos a experiência de organizar e pôr em prática nosso primeiro projeto, como foi na prática o que pensamos na teoria e como foi necessário abriremos nossa mente e nossa visão para as reais possibilidades da criança. No segundo ano, em 2015 fiz minha primeira apresentação oral, desta vez além de nós duas contamos com a presença do pibidiano Renato, neste ano falamos sobre os contos de fada, a dança e a importância de considerarmos o corpo como material didático para a construção de uma melhor independência e conhecimento de si das crianças, intitulado “Dançando os contos de fada: A dança como prática pedagógica na escola”. No terceiro ano, em 2016, tivemos a saída de Renato e Mayara entrou, junto com a professora Renata, onde falamos sobre o Projeto Caraminholas que havia tido com as professoras no ISERJ e posteriormente foi realizado pelas pibidianas, nosso trabalho foi intitulado de “A prática docente como potência da vivência”. E por último, em 2017 fizemos sobre o nosso vivido, relatando sobre as rodas de conversas que

fazemos com as crianças e como essas rodas acarretaram nos projetos que passamos a viver, intitulado de “Roda de conversa na educação infantil: potencialidade para a construção de conhecimentos entre crianças e adultos”. Ainda em 2017 participamos eu, Beatriz, Ana Clara e Bianca<sup>5</sup> do III Encontro PIBID Pedagogia da UFRJ em que falamos sobre o projeto de “*Filosofia com crianças*” que vivemos na escola, em como se nos transformou e transforma e ressaltamos a discussão sobre Memória, em que lemos o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de Mem Fox e debatemos sobre o que é memória e pedimos para escreverem ou desenharem uma memória que não gostariam de perder e uma memória da infância deles, por final mostramos a eles o Pano de Memórias que fizemos com as crianças em 2015 e explicamos os desenhos e os significados que as crianças construíram para eles.

Segundo o site da CAPES, o PIBID foi projetado para contribuir com a valorização do profissional docente e incentivar o mesmo a seguir carreira no magistério. O PIBID tem como objetivo principal propiciar que os estudantes de licenciatura sejam inseridos em sala de aula desde o 1º período de faculdade, podendo permanecer até seu término, e que professores das escolas públicas ajam como cofomadores desses estudantes. E, complementando os já definidos objetivos e o que é o PIBID temos o mesmo pelos olhos das crianças da turma 51 do ISERJ. O PIBID os ensinou sobre diversos assuntos, ouviram o que as crianças queriam, brincavam e chamavam a atenção deles. Pibidianas eram tias que não vinham todo o dia, só vinham as vezes. Pibidianas são legais. Segundo as crianças nós ensinamos como as professoras que ficam quase todos os dias, mesmo que fossemos só uma vez por semana, nossas vivências com elas eram tão potentes que marcavam muito o cotidiano por vir delas.

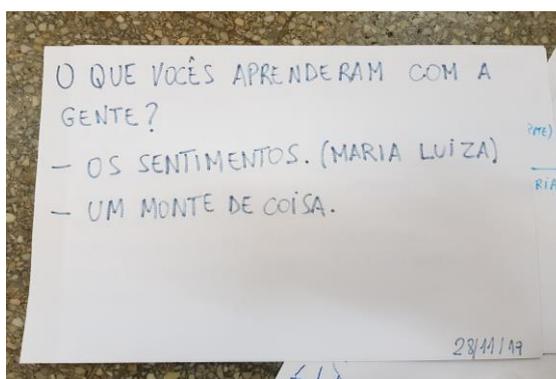


Foto: Falas da roda de conversa sobre o PIBID

---

<sup>5</sup> Ana Clara e Bianca pertencem ao PIBID/EI que faço parte, elas atuam em sala diferente da que estou.

Realizamos a roda de conversa sobre o PIBID no último dia de aula que tivemos com as crianças em 2017 e seguindo a ideia dos sentimentos, indagamos a eles o que eles sentiam quando estávamos com eles:

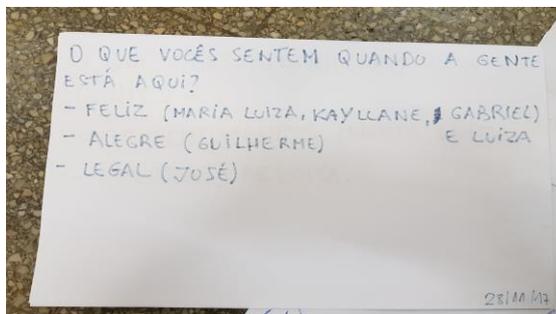


Foto: Falas da roda de conversa sobre o PIBID

## 1.2: O ISERJ

O Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro funciona da Creche ao Ensino Superior em Pedagogia, contando também com a Educação de Jovens e Adultos, cursos técnicos conjuntamente com o ensino médio e a Educação Especial, e ainda possui o Laboratório de Línguas (LABLIN). O instituto data desde 1880 sua história, passando por mudanças de endereço, de chefia e de ideal, acrescentando etapas da educação e retirando outras como por exemplo o curso Normal, que se transformou no ensino superior ofertado pelo instituto.

Além da família, a escola é o espaço social no qual a criança tem maior vivência e troca com outras crianças e adultos. A educação infantil 1ª etapa<sup>6</sup>, é um espaço de pouco movimento, devido à restrição do próprio espaço e sua divisão. A educação infantil 2ª etapa<sup>7</sup>, por sua vez, possui um maior espaço, um maior número de salas, proporcionando uma maior movimentação e independência das crianças.

Um fato importante destas etapas da educação é a relação do educar, do cuidar e do brincar, considerando que são crianças que estão longe de suas famílias, tendo um contato maior com outras crianças, com outros saberes, demanda uma atenção maior a estes seres que estão

---

<sup>6</sup> Etapa condizente com a creche, englobando crianças de 2 a 3 anos.

<sup>7</sup> Etapa condizente com a pré-escola, englobando crianças de 3 a 5 anos.

sendo inseridos cada vez mais na sociedade e que cada vez mais descobrem e se interessam pelas coisas que o mundo propicia. Citando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) em seu primeiro volume:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (RCNEI, 1998)

E que:

Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (RCNEI, 1998)

E ainda:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. [...] é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. [...] para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. (RCNEI, 1998)

A tríade do educar, cuidar e brincar está presente nesta etapa de ensino como fator fundamental para uma melhor experiência e crescimento infantil. No ISERJ esta é a prática que norteia todos os trabalhos e vivências com crianças, em sua concepção não há um sem outro, esta tríade é a junção ideal para uma melhor escola, uma escola que seja mais compreensiva e atenta aos desejos e necessidades das crianças.

## Capítulo 2: Escritos e registros na prática

**“Tia, você tem dever de casa?” (Kaylanne, 5 anos)**

Esta pergunta foi feita por uma aluna ao observar que eu estava anotando as falas que estavam acontecendo em uma roda de conversa sobre o pensamento na turma 51. Esta mesma aluna veio transferida de uma escola onde tinha sempre deveres para casa e já tinha chegado a perguntar se nessa escola nova (ISERJ) não teria também dever de casa. A cada dia fico mais surpresa por como as crianças gostam de fazer tarefas como preenchimento de figura ou de contorno, ou escrever na linha e, em como elas acreditam que essa forma de escola é a melhor, nesta parte de minha indagação questiono se os pais impõem às crianças um brincar e ensinar mais severo, mais de acordo com as antigas práticas educacionais. Muito disto, acredito eu, se deve ao fato das crianças se espelharem nos adultos a sua volta que utilizam cadernos com linhas.

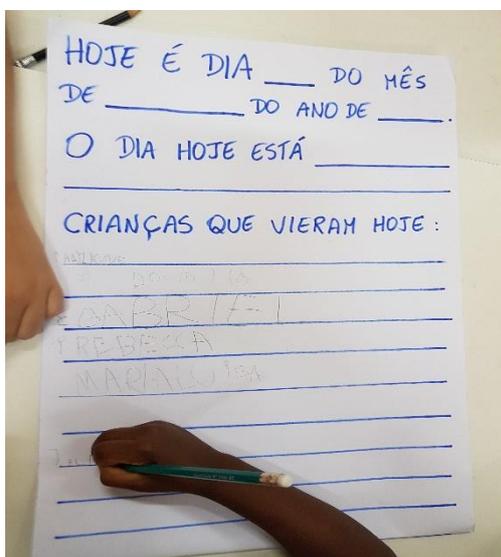


Foto: Calendário do dia sendo escrito “certinho”

O impressionante da história por trás desta imagem é a felicidade das crianças em estarem “escrevendo certinho”, segundo elas. Esta foto foi tirada em 2017, em uma roda de montagem do calendário do dia na pré-escola turma 51 e, isto foi feito a partir dos pedidos das crianças, por que a concepção que esta etapa tem é a do aprender lúdico, da criança estar livre para descobrir as coisas por si própria, nossos calendários quase sempre são assim:



Foto: Calendário do dia lúdico

Durante todo o decorrer do PIBID, desde a primeira reunião, soube que o trabalho que fazemos com as crianças e na nossa própria formação seria construído com o passar do tempo e das experiências que viveríamos, por isso, desde o primeiro momento utilizamos o caderno de campo como material para uma posterior reavaliação e um repensar da prática.

Neste subprojeto atuamos pelo método da pesquisa de campo onde somos agentes participantes no cotidiano escolar, nos possibilitando viver a pesquisa *prácticateoriaprática* (GASPARIN, 2002), onde vivemos a prática com as crianças, nos reunimos (bolsistas, supervisoras, doutorando voluntário e coordenadora) e conversamos, estudamos e trocamos ideias, repensando nossa prática e voltando para a sala de aula com um olhar mais sensível às crianças, à escola e ao seu redor. Certa vez fizemos uma reunião em que o tema era caderno de campo. Este por sua vez foi o primeiro método adotado e sugerido pela nossa coordenadora para anotarmos as nossas práticas com as crianças para futuramente podermos voltar para esta escrita e conversarmos e repensarmos esta vivência e esta escrita, eu utilizava o caderno para fazer anotações precisas sobre o dia, relatando passo a passo e com o tempo através de conversas e mais pesquisas sobre como documentar os vividos, foi dando lugar mais aos meios digitais onde por meio das fotos me recordo do vivido e por vezes se torna necessário anotar falas e momentos que acontecem com as crianças, agora para realizar anotações adoto o bloco de anotações do celular ou um grupo de *WhatsApp* que uma colega tinha sugerido para realizar além das anotações, gravações em tempos que não daria tempo de escrever sobre a situação que está sendo vivida.

## **Capítulo 3: A construção do eu como estudante-pesquisadora**

### **3.1: O desenvolver na Creche**

A Creche se assemelhava mais a um local provisório, devido ao tamanho do prédio em que está instalada. A turma que acompanhava era a 33, são crianças de dois anos que fazem três até o final do ano. Desde o começo pude perceber o bom relacionamento que existia entre todas as professoras com todas as crianças e mais especialmente entre a professora Beatriz e seus alunos. Tinha como proposta ser um local de bidocência, contudo não o foi pela maior parte do início das aulas por falta de profissional para assumir o cargo, esta situação perdurou até quase o meio do ano escolar.

A proposta pedagógica desta etapa pode ser definida como “Brincando e Aprendendo”. As professoras ensinam as crianças sobre as cores, os números, os animais através de histórias infantis, canções e exemplos de fácil entendimento. Por exemplo, antes do começo da Copa do Mundo a professora Beatriz com a ajuda da bandeira do Brasil ensinou o nome de cada cor presente na bandeira e coisas que nos remetiam essas cores, como o azul lembrava a água, e contamos quantas cores apareciam na bandeira. A Creche também utiliza de projetos para melhor agregar pais e crianças no dia a dia da escola e projetos voltados para o autoconhecimento do corpo. Esta definição do Projeto Político Pedagógico (PPP) se deu por conversas com professoras e coordenadora da Creche a fim de entender qual era a proposta que esta etapa pretendia alcançar, não encontrando o PPP e não podendo ter acesso a ele pela escola, realizei estas conversas e observações da prática para traçar um possível PPP da Creche.

Antes do começo da Copa eu e a outra pibidiana Beatriz estávamos arquitetando um projeto com este tema. Confeccionaríamos coletes para que eles pudessem pintá-los livremente usando as cores da bandeira, reforçaríamos com isso os nomes das cores e ao que elas podem nos remeter. Em vez de botarmos o número no colete como os jogadores usam iríamos botar as iniciais dos nomes deles, para que eles comessem a ter noção das letras que compõem seus nomes. Quando tivemos esta ideia fomos falar sobre ela com a professora Beatriz e foi nos informado que a Creche já estava com um projeto parecido e não daria para botarmos em prática esta ideia. Mesmo não podendo realizar este projeto nós ajudamos a professora Beatriz a realizar o que estava em prática.

No decorrer do segundo semestre de 2014 foi ficando evidente o crescimento físico, educacional e mental das crianças. Sabemos que o processo de apreender novas coisas,

principalmente em tão tenra idade, é um processo a longo prazo e quando finalmente vemos essas crianças transmitindo seus novos conhecimentos é gratificante. Fazer parte deste processo e saber que está ajudando a criar junto a estas crianças seu futuro é o tipo de experiência que o PIBID pode me proporcionar e a todos os outros pibidianos. Todas as crianças sem exceção ficaram mais confiantes de si mesmas na segunda metade do ano de 2014. Participaram mais das atividades, mostraram uma maior noção do que as coisas ao redor delas eram.

A partir do meio do ano houve uma abertura na programação da Creche e nos foi oferecida a oportunidade de trabalhar com as crianças sobre o folclore. Nosso objetivo inicial se resumia a querermos apresentar uma parte da cultura brasileira, apresentarmos vídeos, cantigas de roda, e faríamos algumas atividades relacionadas em seguida. Apresentamos algumas das histórias do Folclore por meio de vídeos e leituras. Após assistirem o primeiro vídeo fizemos um trabalho "para os pais verem", o qual foi relatado para nossa coordenadora e esta nos ajudou a que parássemos de pensar que assistir ou lermos uma história em si já não seria uma atividade. Com essa sugestão em mente a fizemos realidade, e tornamos a atividade que teríamos que fazer com as crianças uma conversa sobre o que entenderam da história, em vez de só mais um trabalho de "passar tinta".



Foto à esquerda: Pibidianas com crianças na colagem de cantigas típicas  
Foto à direita: Crianças cantando músicas das cantigas

Esse movimento trouxe a escuta e a conversa como foco principal do nosso trabalho, segundo Iride Sassi “a criança é um ser ativo que deve ser escutada”, e a partir daquela conversa com nossa orientadora vimos que as crianças tinham muito do que falar para nós. Não se mostrava necessário termos uma pintura de um desenho pré-moldado para falarmos que elas viram determinado assunto e que aprenderam ele, só precisa sentar em uma roda e conversar com elas, escutá-las, ouvir se gostaram ou não, o que tinham achado do vídeo passado, se gostaram da proposta que levamos e se queriam continuar.

Com esta mudança comecei mais a dar abertura para o que elas falavam e a partir da Pedagogia da Escuta (MALAGUZZI, 1999) e suas vertentes pude adentrar em um território riquíssimo em que damos voz à criança e fazemos dessa voz e dessa escuta o nosso currículo pautado no cotidiano e na escuta. As professoras da creche, mesmo não sendo o método que elas utilizam, aceitaram que realizássemos o projeto com um método diferente, nos possibilitando finalizá-lo e com as crianças entendendo e lembrando realmente do que aprenderam naqueles dias. Esta experiência nos fez mudar de ideia em relação a que crianças tão pequenas quanto essas não conseguiriam internalizar tão rápido as histórias, elas o fazem e não esquecem depois. É uma grande oportunidade e uma grande alegria ser umas das responsáveis pelo crescimento destas crianças e ser afetada pelo conhecimento delas.

No primeiro semestre de 2014 não tínhamos nenhum projeto em mente, mas com a ajuda da coordenadora Carmen Sanches, da Professora Beatriz e da outra pibidiana que acompanha a turma comigo, encontramos um caminho para podermos elaborar um projeto que possamos desenvolver com as crianças. O segundo semestre foi possível ver como a interação da Creche com as professoras e as crianças estava repercutindo, principalmente, nas crianças. Foi a época em que demos as nossas primeiras aulas e vimos como é de verdade estar diante de uma turma e ser responsável pela transmissão de conhecimento e pela turma em si. Tudo isso sendo feito tão cedo em nosso curso foi fundamental, no meu caso, para que eu tivesse certeza que a escolha de fazer Pedagogia tinha sido a coisa certa.

Na creche do ISERJ, vemos um tipo de trabalho voltado para as datas comemorativas, trabalhos “prontos”. Lá também percebemos uma ideia de infância bem conservadora, um pouco antiga. Enquanto isso, temos a pré-escola como um local mais aberto a mudanças, a abraçar o diferente, uma proposta mais lúdica de ensino. Não pensamos mais as crianças como seres inaptos, e sim como seres pensantes e capazes de tomar decisões e construir por si próprio o seu conceito sobre as coisas, em minha concepção, depois de muita conversa e esclarecimento com as rodas de conversa com o grupo PIBID/EI as crianças são capazes sim de serem autônomas, podemos e (acredito) devemos deixar elas tentarem e deixar elas decidirem quando está bom parar ou mudar.

No final do ano letivo de 2014 o Projeto “*Filosofia com Crianças*” começou a acontecer em uma turma do infantil 4 que tinha como professoras a Elaine e Aline. René Descartes já dizia que “viver sem filosofar é o que se chama ter os olhos fechados sem nunca os haver tentado abrir”. O Projeto foi trazido ao ISERJ vindo de um professor da UERJ, José Ricardo Santiago, que a alguns anos já vem implementando este projeto em uma escola localizada no

município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Este projeto reúne todos os pibidianos deste subprojeto e professores convidados, nossa coordenadora Carmen Sanches Sampaio, e esta turma do infantil 4. Os encontros tratam sobre o pensar, onde instigamos as crianças a terem dúvidas, em parar para pensar, em refletir sobre inúmeros temas, em levantarem dúvidas e perguntas e em pensarem o que eram perguntas.

No primeiro encontro da *Filosofia com crianças*, discutimos o que era o ponto de interrogação e se alguém já tinha visto ou ouvido falar dele. A professora Elaine já tinha falado com eles aquela semana que teria esse encontro e já tinha mostrado e explicado para eles o que era e o que significava o ponto de interrogação, com isso passamos para perguntas que o ponto de interrogação faz e quando foi chegada a hora de se aproximar das crianças na atividade que nos foi proposta, me aproximei do Vinicius, um garoto aparentemente quieto e reservado. Tentava manter uma conversa com ele, porém ele ou não respondia, ou eram respostas curtas, ou somente olhava para mim e continuava a desenhar. Vendo a dificuldade de Vinicius sua professora, Aline, perguntou o que ele havia perguntado a sua mãe mais cedo naquele dia e, porque ele havia chorado. Tendo isso como referência tentamos trabalhar em cima disso.

Com muita perseverança, Vinicius começou a se comunicar conosco. Falando que ele estava chorando porque queria ficar com sua mãe. Pensando que havia entendido o que ele tinha perguntando mais cedo para ela, falei que ele havia perguntado se ele podia voltar para casa com ela, onde ele me disse que não, ele na verdade perguntou se a mãe poderia ficar com ele na escola. O que me surpreendeu, já que normalmente as crianças pedem para ir para casa, o fato dele pedir para a mãe ficar com ele na escola me pareceu que ele aprecia muito sua estada na escola, mas gostaria mais ainda se a mãe estivesse presente. Mostrou-me a valorização que a criança tem por sua escola, seus professores, todo seu corpo docente e pela educação que eles constroem junto a criança.

### **3.2: O desenvolver na Pré-escola: Infantil IV**

No segundo ano do PIBID/EI no ISERJ, acompanhei a turma em que fiquei no ano de 2014 na creche, a 33, que em 2015 virou 43, na pré-escola. Algumas crianças da turma saíram, mas nenhuma adição foi feita. Sentia mais liberdade tanto em participar das atividades realizadas com as crianças tanto quanto em realizar eu mesma, conjuntamente com minha

colega pibidiana Beatriz que continuou na turma que acompanhávamos em 2014, algumas atividades. Nosso colega Renato de Sena, entrou na mesma turma que nós este ano, trazendo uma proposta para agregar a dança e o teatro à vivência das crianças. As professoras das crianças neste ano foram a prof.<sup>a</sup> Silvana Rochocz, prof.<sup>a</sup> Arlinda Castro e auxiliar Luciana Siqueira, ainda tiveram mais uma professora e uma auxiliar que ficavam na parte da tarde.

Neste ano, a educação infantil 2<sup>a</sup> etapa passa pelo seu primeiro ano com as turmas do infantil IV em turnos integrais, modificando assim a rotina de todos os trabalhadores nesta etapa. Isso tem trazido novos cargos e conseqüentemente novas relações. Podemos ver que esta relação de separação por função dos profissionais encontra-se muito presente em algumas turmas do infantil IV. Na turma que acompanhei, percebi que não existe uma pessoa que somente cuida ou uma pessoa que somente educa, é um trabalho feito em equipe, existe uma grande cooperação entre as profissionais desta sala, todas procuram trazer diversas atividades lúdicas para que as crianças façam.

A proposta pedagógica desta etapa consiste na potencialização do processo de interação da criança com seu entorno, em ensinar com base nos conhecimentos prévios que a criança possui antes de ingressar na vida escolar, dando total liberdade para a criança propor métodos diferentes dos propostos. A rotina é permeada de cuidados e conversas para melhor conhecer a criança e para melhor deixá-la confortável em sua própria pele no ambiente escolar e subsequentemente nos outros ambientes em que ela frequenta. A Pré-escola tem como preceito deixar os ambientes da escola abertos com livre acesso à toda e qualquer criança desta etapa para junto com suas professoras explorar todas as possibilidades que cada ambiente pode prover.

No primeiro semestre de 2015, realizamos muitas atividades com as crianças e podemos ajudar em muitas mais. Foi realizado o trabalho da confecção da história sobre monstros, onde começou quando Giovanna, uma das alunas da turma, expressou seu desejo de criar uma história de monstros, por ter lido um livro em sua casa sobre monstros e por querer saber mais sobre monstros, o por que eles serem monstros e o que eles faziam, se tinham amigos, e entre outras diversas curiosidades. Escutando esse desejo nós prontamente sugerimos fazer um livro sobre monstros e fomos atrás de outras crianças que também se interessassem em fazer a história, ouvindo de uma das professoras que eles não iriam conseguir fazer o livro porque as crianças não se concentravam por muito tempo em uma mesma atividade.

Porém sempre lemos e ouvimos que as crianças são capazes de fazer qualquer coisa e com essa mentalidade fomos confeccionar esta história, esperando somente que as crianças se deleitassem não no produto final mas sim no processo da construção da história, acabando por ser um sucesso entre as crianças e um orgulho em contarem às outras pessoas que fizeram uma história autoral, ficando intitulada “Vai dormir que o monstro vai pegar”, que levou a uma das professoras produzir conjuntamente com as crianças uma fantasia de monstro.

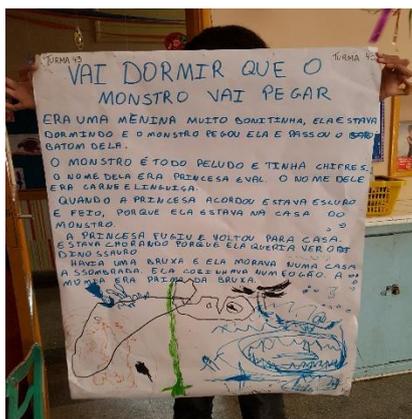


Foto: História “Vai dormir que o monstro vai pegar” finalizada

Esta história se desmembrou em mais duas atividades, uma delas sendo oferecida pela prof.<sup>a</sup> Silvana, que consistia em fazer uma roupa de monstro para as crianças vestirem como uma fantasia para uma futura peça de teatro, que, infelizmente não veio a ser realizada.



Foto: Fantasia de monstro

E a outra atividade foi proposta por nós ao escutarmos os pedidos das crianças em fazer outras versões de monstro (já que no momento da escrita da história as crianças chegaram em um acordo de fazer o monstro com cada um dando sua opinião sobre como ele seria).

Com isso fizemos monstros de brinquedo, confeccionado pelas próprias crianças, com o intuito de conscientizar pela dificuldade de se fazer um brinquedo e da importância de cuidar bem dele e que no final cada criança pudesse inventar seu própria monstro (BENJAMIN, 1928). Esta história foi completamente produzida pelas crianças, toda a trama, nomes de personagens e o nome da história, foi tudo proveniente da imaginação delas, estávamos todos em roda e todos puderam ver a história sendo feita e ajudar a fazê-la.



Foto: Oficina de construção de monstros

No início do ano, minha atuação em sala foi bastante dirigida pela professora. Ela já vinha com as atividades prontas, sem pensamento de mudá-las, e eu somente estava lá para ajudá-la com seus planos de aula. Já na sala de experimentos fazíamos e participávamos de várias atividades. Nossa turma fazia integração com a turma da Ivone e da Carla, professoras da Educação Infantil 2ª etapa, turma 52. Fizemos uma geleca com as crianças. Em outro momento, fizemos um experimento sobre cores no qual usamos água, filtro de café, hidrocor, e um pote pequeno para vermos as cores que existem dentro de outras cores. Contamos histórias para as crianças, criamos histórias com elas, brincando e aprendendo com elas, beneficiando as duas partes. Em uma das integrações com a turma 52, fomos à horta, falamos sobre a importância de preservar a natureza e plantamos milho.

No segundo semestre de 2015, eu e minha colega pibidiana Beatriz estivemos, praticamente todos os dias em que fomos à escola, trabalhando juntas. Quanto às professoras e auxiliares da turma, principalmente trabalhamos com a professora Silvana e com a auxiliar

Luciana, devido à disponibilidade de tempo de nossa parte e pelo horário delas na escola. Nesta outra metade do ano, tivemos mais duas adições na sala: os alunos David e Rebeca.

Neste período, tivemos uma maior liberdade no que tange ao desenvolvimento de atividades com as crianças. Nós também tínhamos uma maior liberdade de nos juntar às atividades propostas pelas professoras, e as próprias nos davam espaço para planejar e pôr em prática atividades que nós propuséssemos, resultando num grande aprendizado para nós, um crescimento pessoal e profissional.

No segundo semestre do ano, Renato pôs em movimento um projeto, o da dança e do teatro na escola, levando atores, bailarinos, costureiros, para ajudar neste projeto. Um projeto no qual tivemos o imenso prazer de participar e ajudar a se tornar realidade.

A primeira convidada a ir foi a Princesa Aurora. No dia estávamos reunidos com as crianças na sala de música e contamos para elas a história da vida desta princesa. Saindo da sala vemos setas pelo chão e as seguimos até uma sala onde a princesa estava dormindo. As crianças começaram a debater sobre como deveriam acordá-la e decidiram que com beijos a princesa ia acordar da maldição que a Malévola tinha colocado sobre ela. A princesa acordou dançando balé e chamando todos para dançar com ela a fim de comemorar que ela tinha finalmente se livrado da maldição que a Malévola tinha posto sobre ela. Após este momento, sentamos em roda e as crianças fizeram perguntas para a princesa, se ela tinha um príncipe, se ela ia voltar para enfrentar a Malévola, entre outros questionamentos. Depois de sua visita as crianças não paravam de pensar se estava tudo bem com ela então fizemos uma carta para ela.



Foto: Alfaiate produzindo com as crianças um vestido especial



Foto: Turma 43 com o Alfaiate e a Princesa Cinderela

“Aproveite as pequenas coisas”, disse alguém, em algum momento, em algum lugar, durante a história da humanidade. Pois agora, relendo, vendo, lembrando das coisas que passamos neste período, posso ver o monte de pequenas coisas, de pequenos momentos, tão importantes para mim e para o aluno, que não conseguiria me expressar bem sobre. Ao ler um livro, ao dar atenção, ao dar a voz, ao se juntar para brincar, nós fazemos os pequenos momentos, nossas pequenas alegrias, que nos motivam a voltar toda semana para um lugar tão especial.

No último dia letivo teve reunião com os pais, entre outras coisas, e eu e Beatriz ganhamos um presente de uma das mães, da mãe de uma das crianças mais quietas, que quase não fala, que fica parada, tímida. Depois de passar o êxtase por saber que uma mãe, principalmente a criança (porque a mãe saberia mais de nós pela sua própria criança, acredito eu) se lembrou de nós, fiquei pensando: “nossa, logo a criança mais quieta é a que mais deve se expressar em casa sobre os que acontece na escola e, pelo visto, ela gosta de nosso trabalho”. Ver nosso trabalho e esforço sendo valorizado é uma das melhores sensações que podemos ter, ainda mais quando este vem de pessoas de quem menos se espera.

Durante o decorrer do ano realizamos atividades com as crianças como levar princesas para conhecer as crianças. O pibidiano Renato veio com uma proposta de trazer os contos de fadas para a turma 43. A princípio seria somente na turma 43, contudo, todas as turmas do Infantil IV vivenciaram conosco, pois as professoras pediram para compartilhar este momento com elas e suas turmas.

No dia 09 de dezembro de 2015, as (o) pibidianas (o) apresentaram suas Caraminholas, onde apresentei, conjuntamente com minha colega Beatriz, as Caraminholas de Filosofia, uma

continuidade de uma Caraminhola já feita por uma das professoras supervisoras (Renata) do PIBID/EI no ISERJ. O nosso projeto constituiu-se de propor para as crianças fazermos um dicionário pensado por elas, com palavras que elas costumam falar, ou que simplesmente gostassem.

Arrumamos a sala, nos arrumamos, e esperamos pelas crianças. Elas chegaram. E foram embora.... Perguntaram se poderiam trocar de sala, ao que respondemos positivamente, claro, pois uma das propostas daquelas atividades era deixar as crianças terem autonomia para decidirem o que queriam fazer e participar. Ficamos sem saber o que fazer, sem crianças e sem começar o trabalho.

Admito que me senti desesperada e sem saber o que fazer, pensando que nossa proposta tinha ficado sem atrativos e que todo nosso trabalho tinha sido à toa. As crianças não haviam gostado.

Minha colega, que estava comigo fazendo esta atividade, me tirou desta depressão e desespero. Após ficarmos alguns minutos pensando, decidimos ver se algum dos outros grupos das Caraminholas precisava de ajuda. Fomos para a Caraminhola dos Brinquedos e Brincadeiras e ficamos olhando a atividade de nossas amigas tomando um ótimo rumo. Enquanto estávamos olhando esta atividade, Beatriz avista a turma em que fazemos PIBID, no Parquinho Aberto, e ela pensa em levar folhas e hidrocores e sentarmos no meio do Parquinho, esperando chamar a atenção das crianças, atizar a curiosidade delas. Foi dito e feito. As crianças nos avistando e vendo o que levávamos em nossas mãos já foram correndo ao nosso encontro.

Nos sentamos na grama, as crianças vieram, perguntaram o que estávamos fazendo e falamos que precisávamos da ajuda delas para descobrir palavras e seus significados. Elas toparam, ansiosas para nos ensinar algo, para podermos trocar estes conhecimentos. Muitas desenharam, alegando não saber escrever a palavra que queriam. E assim foi indo. Elas escreviam, desenhavam, e nós as indagávamos sobre o que tinham feito, ou elas mesmas já nos contavam o que haviam feito no papel.

O Infantil 5 também veio para o Parquinho, querendo ver o que estava acontecendo lá e querendo participar. Uma das alunas, Pérola, queria saber se poderia escrever no seu papel, na Casinha com escorrega. Concordamos e lá foi ela, sendo seguida por sua amiga Allana. Ela voltou com um livro escrito e com os rascunhos do livro. Eu perguntei o que ela havia escrito, a página toda estava repleta de letras uma do lado da outra, como linhas de um livro. Ela falou que havia escrito um livro, perguntei o que um livro fazia, quando que ela me disse que um livro conta histórias.

- Mas histórias de quê? - Perguntei eu.

- De princesa. - Disse ela.

Uma das outras pessoas que apresentavam suas Caraminholas veio até nós para informar que as crianças estavam perguntando se teria alguma coisa na sala que havíamos deixado só. Então recolhemos as coisas e lá fomos nós, em busca de mais crianças para fazermos nossa oficina. Nem pensamos em retornar à nossa ideia original sobre nossas Caraminholas e seguimos com a proposta que reinventamos durante aquele dia.

Como disse João Wanderley Geraldi em seu livro “A aula como acontecimento”, às vezes nosso planejamento de aula não acontece, as crianças não abraçam a ideia que sugerimos, e o mais esperto a se fazer é seguir o fluxo, não se desesperar e deixar que a criança também ajude e diga o que deseja fazer em aula. Foi o que eu aprendi nesse dia, mais do que em qualquer outro, por estar me sentindo realmente responsável por uma atividade e por aquelas crianças. Me desesperei, não sabia o que fazer, mas quando tive calma e vi que para tudo se dá um jeito, consegui, com a ajuda de minha colega e das crianças, realizar uma boa atividade, onde, acima de tudo, ganhei muitos aprendizados para minha vida como discente e futuramente como uma docente.

Ainda neste mesmo ano, a turma da “*Filosofia com crianças*” do ano passado continuou no projeto, as mesmas professoras acompanharam a turma este ano, sendo que a professora Aline saiu da escola em meados do ano. Em um encontro foi proposto as crianças em pensarem no que são perguntas fáceis e difíceis e se elas conseguiam fazer perguntas assim, e então uma das crianças nos disse que tem perguntas que são fáceis e difíceis, houve um grande desdobramento desta ideia nas crianças e estas realmente se engajaram para tentar “resolver” este dilema das perguntas fáceis e/ou difíceis. Este momento se desdobrou em mais questionamentos sobre estas perguntas, sendo elas levadas em uma mala para “descansar”, para depois retomarmos a discussão. Variações de perguntas fáceis e difíceis foram sendo trocadas por legais e importante, onde tudo para eles era legal, muito disto, percebo eu, é pelas crianças não terem entendido muito bem o significado da palavra “importante”.

Este ano falamos muito das emoções com eles, surgiu o medo e a memória, onde exploramos nossos medos e conversamos sobre, e sobre a memória discutimos sobre o que ela é, de onde ela vem, para onde vai, porque temos memória, se é importante e memórias que não gostaríamos de perder e que “junto com a memória vem o tempo. Talvez se abrissemos o tempo poderíamos abrir a memória” (KOHAN, 2004), o tempo e a memória foram um fator que prendeu a atenção deles, ao perguntar de memórias que eles tinham, o tempo para eles ainda é

sentido e pensado como algo antigo, que aconteceu a muito tempo, e esta questão foi vista no livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes de Mem Fox, dando origem ao pano de memórias:



Foto: Grupo PIBID e turma 101, pano de memórias

### **3.3: O desenvolver na Pré-escola: Infantil V**

No primeiro semestre de 2016 voltamos à escola, recebemos as crianças em sua volta às aulas, conhecemos as novas professoras que iriam acompanhar as crianças nesse novo ano, nesta nova caminhada, nos novos desafios que estavam por vir. Continuamos acompanhando a mesma turma dos anos passados, a turma deles neste ano é a 51, pertencente ao Infantil 5, com as professoras no turno da manhã sendo a Maria Luiza e a Rosana, professoras antigas na instituição.

O convívio entre as professoras neste início de aula não estava amistoso, havia muitos conflitos de opiniões e de como conduzir a turma, por parte das professoras. Uma das professoras parecia não apreciar minha presença nem da outra pibidiana que acompanha a turma, Beatriz, por nós já termos uma relação mais profunda com as crianças e por elas ainda recorrerem a nós primeiro e não a elas, professoras da turma. Parecia haver um genuíno desejo por parte das professoras em fazer um bom trabalho com as crianças, mas o conflito entre elas tornava difícil realizar muitas atividades. Posso dizer que existia um lado um pouco mais arcaico no modo delas lidarem com certas situações, por exemplo, na hora de dormir, após o almoço, as professoras foram explicar o que iria acontecer naquele momento e explicar a conduta que elas esperavam que as crianças deveriam tomar naquele instante, demandando que as crianças deveriam ficar caladas, deitadas e com os olhos fechados e não seria aceito outra postura fora esta passada por elas. Apesar do pouco tempo que passei com esta turma neste ano, pude notar a evolução que eles estavam começando a ter e que iriam desenvolver mais ao longo do ano, com o trabalho realizado na escola.

Infelizmente não houve muitos dias que pudéssemos acompanhar a turma neste ano de 2016, pois logo após começarem as aulas, as professoras concursadas entraram em greve e a escola passou a funcionar em um horário especial, somente com as professoras contratadas, não nos permitindo continuar nosso trabalho com a turma que já acompanhávamos.

Durante o período de greve ocorreu também o período de ocupação da escola (assim como em muitas outras) e realizamos uma atividade de greve com os alunos que estavam ocupando o ISERJ, na qual convidamos Maximiliano Durán para propor uma atividade onde ele nos deixou esta pergunta para pensar e modificar: “Todo ato EDUCATIVO é um ato POLÍTICO?”. Em virtude deste questionamento conversamos sobre esta frase, se concordávamos ou não com ela e após isto nos foi proposto mudar a frase, substituir os termos “EDUCATIVO” e “POLÍTICO” por outros de nossa escolha, gerando mais uma onda de debates sobre a política e os políticos vigentes e sobre o descaso com a educação que perdura por anos.



Foto: Desenrolar das atividades propostas

Apesar de todo este movimento pudemos continuar indo à escola na parte da manhã onde acompanhamos as turmas do Infantil 4, principalmente a turma 41. Esta experiência foi muito satisfatória, pois trouxe a chance de acompanhar uma turma inteiramente nova, que estava em uma outra fase de desenvolvimento, onde as crianças tinham outras histórias, outros hábitos, outros conhecimentos, e acima de tudo agreguei mais conhecimento sobre como “lidar” com as várias maneiras que uma criança pode agir e reagir, principalmente quando não as conhecemos. A situação da pré-escola estava muita tensa, as professoras não estavam felizes, os terceirizados não estavam recebendo seus salários e suspendemos nossa ida a escola, por não haver condições de continuarmos a permanecer lá. Esta situação da escola não durou muito tempo, a escola inteira entrou em greve e paralisou todas as atividades de todas as séries. Na

volta da escola após o período de greve, ela manteve o calendário do horário das aulas o mesmo como estava no período de greve, tirando por definitivo todas as turmas da Pré-escola do horário integral e estabelecendo que o Infantil IV ficasse na parte da manhã e o Infantil V na parte da tarde.

Junto com a greve tivemos o período em que o PIBID talvez fosse cortado, com isso, logo após a volta às aulas, ocorreu a festa Julina do ISERJ e aproveitamos para passar uma mensagem que estamos todos juntos trabalhando pela educação e para torná-la cada vez melhor:



Foto: Pibidianas e professoras juntas na festa Julina do ISERJ contra os cortes governamentais

Neste ano o Projeto *“Filosofia com Crianças”* só pôde entrar em vigor no segundo semestre devido a ocorrência da greve na maior parte do primeiro semestre, contudo os encontros este ano foram menos espaçados, ocorrendo praticamente todas as semanas, potencializando os encontros e o significado destes tanto para as crianças quanto para nós professores. Este ano tivemos uma adesão este ano ao nosso grupo com a presença da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Fabiana da UERJ.

Esta que também trabalha e estuda a temática da filosofia e das crianças, ela junto com José Ricardo e uma grande equipe realizaram o evento VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação: Mundos que se tecem “nosotros”: o ato de educar em uma língua ainda por ser escrita, e principalmente teve o evento paralelo ao Colóquio e onde mais o PIBID esteve presente foi a Jornada de Filosofias e Infâncias, durante os dias 03 e 07 de outubro, que contou com professores e alunos, alguns com seus pais, de diversos países da América Latina, eles permaneceram no ISERJ no decorrer dessa semana, compartilhando, ensinando, aprendendo, trocando experiências e saberes sobre suas escolas, seus modos de fazer e pensar escola e seu filosofar com as crianças. Na quinta feira dia 06 o grupo vindo da Colômbia apresentou um

pouco do trabalho realizado por eles em seu país, divulgando o vídeo produzido inteiramente pelas crianças como parte de um projeto dirigido e pensado pelas crianças e para elas.



Foto: Turma 101 e crianças da Pré-Escola pintando o pano de boas vindas<sup>8</sup>

A respeito dos encontros com a turma 101, era notável que neste ano os mesmos estavam mais significativos, substanciais, as crianças tiveram chances maiores de absorver o que os encontros eram, o porquê de eles acontecerem e realmente fizeram parte deles. A evolução das crianças foi tamanha, a maioria não falava, não participava, deixavam poucos falarem e agora as crianças estão começando a fazer perguntas algumas falando baixo e pedindo para outra criança ou outro adulto falarem por ela, outras já se jogando no debate. Nos encontros tratávamos sobre a Jornada que iria acontecer, depois de ocorrer conversamos com as crianças como tinha sido a semana com pessoas novas na escola constantemente e falando uma língua diferente. Adicionamos a questão do que é legal e do que é importante, se era possível que algo fosse os dois ou não fosse nenhum deles. O ponto chave para atrair a atenção das crianças era levarmos uma caixa misteriosa e refletirmos em grupo o que poderia estar dentro da caixa.

### **3.4: O desenvolver no Infantil IV: uma nova turma**

Com a volta às aulas para o segundo semestre de 2016, enfrentei grandes mudanças no PIBID. Mantive a esperança do horário de greve mudar e as crianças voltarem para o horário integral e consequentemente a turma que eu acompanhei por mais de dois anos voltasse a ficar

---

<sup>8</sup> Pano feito para dar “boas vindas” aos professores e crianças que vinham de outros países da América Latina para participar conosco da I Jornada de Filosofias e Infâncias.

na parte da manhã, fazendo com que eu pudesse continuar meu trabalho junto com eles. Felizmente e infelizmente, isto não ocorreu. De certa forma foi difícil aceitar que não conseguiria terminar mais este ano com as crianças com quem vinha trabalhando, e alegremente percebi que podia trabalhar e conhecer novas turmas, novas crianças, novas relações, e que esta mudança veio para acrescentar a minha experiência no PIBID e no curso em geral. Lembro-me sempre de João Wanderley Geraldi (2010) e sua ideia da aula como algo mutável, em transformação a todo instante, algo instável e belo, desesperador e um “abrir olhos” para nossa prática, constantemente venho repensando minha prática, quem eu planejo ser no meu futuro como professora, e sempre me vem à cabeça que muitas das profissionais que conheço transmitem a ideia de estarem cansadas do trabalho, de terem desistido de inovar pois “não tem jeito”. Minha única certeza é não desistir, nunca estagnar, tem sempre outro jeito, existe sempre outro método, outra brincadeira, outro ouvir.

Vindo para somar o tempo em que a escola ficou sem aula, este ano ainda aconteceram as Olimpíadas e Parolimpíadas na cidade, fazendo com que durante o período das Olimpíadas a escola não funcionasse, mas disso as professoras tiraram várias ideias para trabalhar com as crianças, como a volta olímpica, a importância do trabalho em grupo e do individual, das modalidades dos jogos parolímpicos que muitas das crianças não conheciam. Ajudou ainda a trabalhar as bandeiras, idiomas e costumes de inúmeros países.

Nesse curto e intenso período em que fiquei com esta nova turma obtive uma explosão de sujeitos novos, de fazeres e desfazerem novos. Ao prestarmos mais atenção às crianças e suas necessidades e anseios, foi percebido pela pibidiana Letícia (que agora está na turma junto conosco) a necessidade de falarmos sobre a divisão de gênero nas brincadeiras e com os brinquedos, ao final os mais difíceis de aceitar a ideia de que meninas e meninos podem brincar e ser quaisquer coisas que quisessem ser, foram os meninos.

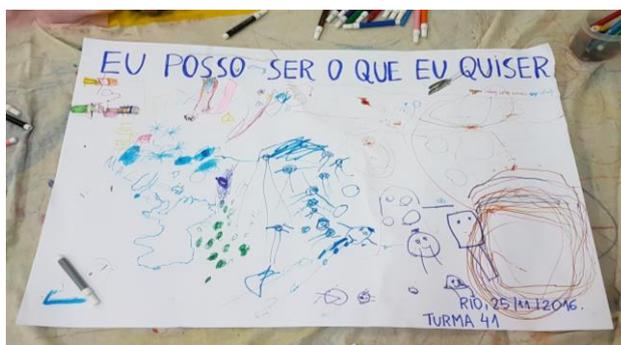


Foto: Atividade sobre coisas de menina e coisas de menino

Histórias fora da escola que contribuem negativamente dentro da escola, pais separados e crianças carentes ou fechadas em si, crianças autoconfiantes e crianças que têm medo de falar, de se abrir, crianças com problemas de comportamento e crianças com sérios problemas como a Luna, uma aluna que possui autismo. Com ela aprendemos a repensar mais uma vez nossa prática, constantemente procurando conhecê-la e conhecer um método favorável que pudesse ajudar no ensinamento e na passagem dela pela escola.

O nível de autismo dela parece ser grande, comprometendo boa parte do convívio dela em sociedade, apesar disso tentamos cada vez mais encontrar maneiras que possam começar a introduzi-la na mesma. Professores na verdade são um misto de sujeitos que educam, brincam e cuidam. Em dado momento temos que virar confeitadeiras, marceneiras, médicas, veterinárias e assim por diante, como disse MARINHO (1967) “Não basta organizar materiais, conhecer arte, música, a natureza, a psicologia infantil. A educadora precisa amar a criança e saber educá-la para a vida pela própria vida”, professor tem que possuir a combinação da mestria com o desejo de ensinar e de aprender. Quando falo de mestria na educação penso em toda e qualquer professora que exista. Todas precisam possuir talentos tão diversos, um grande saber prático e teórico sobre inúmeras questões que dia a dia serão cobrados dela (e), e principalmente nesta profissão, para persistir nela. Temos vinculado a esta mestria um grande e profundo desejo pelo ato de ensinar, pelo ato de mediar, por vermos cada criança que cuidamos e que passa por nós, se transformar e crescer ao longo do tempo que permanecemos com as mesmas.

E, apesar da greve e da mudança de horário conseguimos realizar algumas atividades com as crianças, como fazer contação de história, problematizando questões raciais que estavam muito presentes na turma, questões de gênero, tudo para englobar os preconceitos que existiam na turma e que trabalhamos todo dia com as crianças.

### **3.5: O desenvolver na Pré-escola: Infantil 5: a nova turma**

Na volta às aulas em 2017 encontramos com uma Luna muito mais perceptiva e atenta ao seu entorno. Segundo sua mãe, ela tinha começado a tomar remédio a fim de ajudar na concentração dela. O começo deste ano foi marcado por um enorme crescimento de expressão (fala) e reconhecimento de pessoas, objetos e situações. A partir de pesquisas de estudo mais aprofundadas a fim de melhor entender o que é o autismo, quais são as teorias que o rodeiam e o que podemos fazer como professoras em formação para melhor mediá-la no processo de *ensinoaprendizagem*, em conjunto com outras pibidianas e a professora Renata, começamos a

conversar mais com as crianças sobre o porquê da Luna ser diferente, sobre o que a tornava diferente, o porquê de ela não falar, de não gostar de permanecer no mesmo lugar por muito tempo e, a levar propostas especialmente feitas para introduzi-la mais efetivamente na turma contando com a ajuda da turma e da conscientização que construímos nas rodas de conversa com a mesma.

Em determinado dia, cheguei ao Instituto e encontrei uma Luna muito alegre e brincalhona. Estranhando o vivido e ao mesmo tempo encantada com a animação demonstrada por ela, eu pergunto “*Tá feliz hoje, Luna?*” seguido de uma resposta, onde ela fala um simples e importantíssimo “*Tá*”. Fiquei estupefata por ela ter respondido, não esperava um retorno à pergunta feita. Seguido deste episódio Luna mais uma vez surpreendeu falando a palavra água sem que demonstrasse por meio de gestos, que é o modo com que ela pede água, verbalizando assim seu pensamento. Outro ponto alto foi o começo da percepção das coisas. Certo dia, quando as crianças estavam jogando bola, Leticia (pibidiana) perguntou onde estava a bola e ela se dirigiu diretamente à bola com o olhar e foi pegá-la, quando percebemos esse movimento começamos a focar mais na rerepresentação das coisas e para o que servem, a fim de tentarmos detectar o que ela sabe e onde e como podemos investir para ajudá-la no processo do desenvolvimento da linguagem. Para nós foi a prova que ela nos entende, e sabe que estamos interagindo com ela. Depois deste dia percebemos que cada vez mais ela tenta pronunciar alguns nomes, ficando cada vez mais perceptíveis os nomes, mudando de um som para uma fala.

Nos baseando na teoria de Piaget sobre os estágios do desenvolvimento humano podemos dizer que ela se encontra no período de transição entre o período sensório-motor para o pré-operatório, passando justamente pela aparição da linguagem. Um marco notório é a aparente repetição por parte dela de seu próprio nome, revelando um certo egocentrismo característica marcante dessa fase de transição para a linguagem. O processo de *ensinoaprendizagem* de uma criança autista é vivido no cotidiano, para o desenvolvimento da linguagem e habilidades que possam facilitar a compreensão de mundo e convivência entre o meio e para que isso aconteça. Luna veio para afirmar que professora “se vira nos 30”, é mágica, tem que ter mais de uma carta na manga. Às vezes nossos projetos não dão certo e nós temos que repensar a aula, temos que estar preparados para tudo.

Desde o começo das aulas haviam poucas crianças indo à escola, muitos pais tinham tirado as crianças de lá ou não há estavam levando, pois, a escola não funcionava mais em regime integral, pelos recessos e pela greve que não possibilitavam a ida das crianças à escola,

as professoras agora estavam indo só duas vezes por semana na escola para assegurar que as crianças continuassem tendo aula todos os dias e não se atrasassem tanto.

Além da professora Renata, temos a professora Arlinda acompanhando a turma em dias diferentes dos que estou presente em sala, antes do meado do ano tivemos a professora Irene se juntando a turma, que dava aulas de artes, começou trabalhando com todas as turmas da parte da manhã em sua sala e chegando agora no meio do ano está mais presente na turma da Renata, turma 51 do Infantil 5, se tornando, para nós que acompanhamos a turma, mais uma professora regente da mesma, durante um período tivemos uma tridocênica na turma com esta nova adesão. Irene vem trazendo um trabalho muito interessante voltado para as artes e para os modos como podemos fazer arte. Trabalhos exploratórios são uma constante em sua proposta de ensino, tornando sempre muito interessante as reações das crianças a cada novidade que ela leva. O trabalho em conjunto das duas professoras se complementa perfeitamente por elas terem uma ideia parecida do que e como deve ser passado conteúdos para as crianças, tanto quanto o como deve ser o vivido, o cotidiano que a turma deva seguir para uma melhor educação, mais inclusiva, mais respeitosa dos limites de cada criança ao mesmo tempo sabendo instigar sua curiosidade e desejo de aprender.

Outra grande mudança ocorreu quando as pibidianas ficaram focalizadas em somente duas turmas, a da Renata com o Infantil 5 e a outra com a Ana Paula no 2º ano do ensino fundamental. A professora Elaine estava de licença e ainda não estava com turma. Conosco na turma de Renata ficaram Tarumim, Andressa e Ana Beatriz. Ao ficarmos em somente duas turmas muitas pibidianas acabaram ficando na mesma turma e no mesmo dia, fazendo com que na turma da Renata o número de adultos fosse maior que o número de crianças. Foi difícil ter tantos adultos para poucas crianças pois não tinham “tarefas” para todo mundo, às vezes não tínhamos nada para fazer, passamos muito tempo observando, as atividades não eram tão atrativas para as crianças por geralmente ter poucas delas e muitas de nós. Uma saída que arranjamos foi juntar as turmas do Infantil 4 e 5 para fazermos atividades em conjunto, como passeios pela escola, brincadeiras pela pista e quadra.

Em contrapartida, com os olhares voltados para a mesma turma, conseguimos reunir um grupo onde debatemos o vivido por vários pontos de vista e relatamos acontecidos que às vezes nos passam despercebidos, enriquecendo exponencialmente nosso trabalho com as crianças e o entendimento que temos de como se dá o cotidiano vivido por elas. Este ano a turma que acompanho está em seu último ano da pré-escola e estamos trabalhando a escrita, a leitura e, a

matemática, por meio de rodas em grupo onde relatamos como irá ser nosso dia, quem veio hoje, quantas pessoas estão presentes, quantas faltam. Focamos o trabalho nestes assuntos por causa de interesse das próprias crianças em ler, escrever e saber a matemática, em seus interesses em descobrir mais sobre o mundo que os rodeia.

Neste ano os terceirizados, as professoras contratadas e concursadas continuaram não recebendo ou recebendo muito pouco do seu salário, e ocorriam paralisações para chamar a atenção da sociedade e dos governantes para os problemas que a escola passava, crianças sem comida, escola suja, professores sem salário. As crianças muito curiosas sempre perguntavam porque a escola estava assim, e indagavam que a escola como estava dificultava a aprendizagem e a brincadeira. Em um dia anterior a uma paralisação as professoras do Infantil 5 resolveram reunir suas turmas e conversar com as crianças sobre o porquê da paralisação e fazer uma pergunta importante:



Foto: Pano “De quem é a escola pública?”

Onde as crianças responderam que a escola pública é de todo mundo, e uma professora rebateu “De todo mundo quem?”, e um aluno respondeu:



Foto: Pano “Todo mundo é muita gente que vai fazer junto!” (Danilo, 5 anos)

A partir de meados de 2017 começamos a pôr em prática a teoria da Pedagogia de Projetos, criada por John Dewey, e sua ideia de que a criança está em constante aprendizagem; desde pequena ela está inserida na sociedade e não sendo preparada para uma futura inserção no meio social, então a criança deve estudar o agora e o meio no qual vivem no hoje. Fernando Hernández estudava sobre esta pedagogia e definia os projetos de trabalho como uma concepção de ensino não como uma metodologia, uma forma fora do convencional onde as crianças possam formar sua própria identidade e compreender os fatos da escola e exteriores a escola de forma individual e de forma que cada criança possa construir a melhor forma para aprender e apreender qualquer conteúdo. Com este pensar em mente fizemos uma roda com as crianças para conversar sobre o que elas gostariam de aprender e com isso fizemos esses quereres ganharem vida. Começamos com a oficina sobre os sentimentos, fizemos uma roda e começamos perguntando o que era um sentimento, quais eram os sentimentos que eles sentiam. Em um primeiro momento mostramos algumas imagens para as crianças e elas nos diziam qual sentimento aquela foto está representando e se teria mais de um sentimento na mesma foto.



Foto: 1ª roda de conversa sobre os sentimentos com a turma 51

No próximo encontro fizemos uma segunda roda para escrevermos o que cada sentimento significava para as crianças:

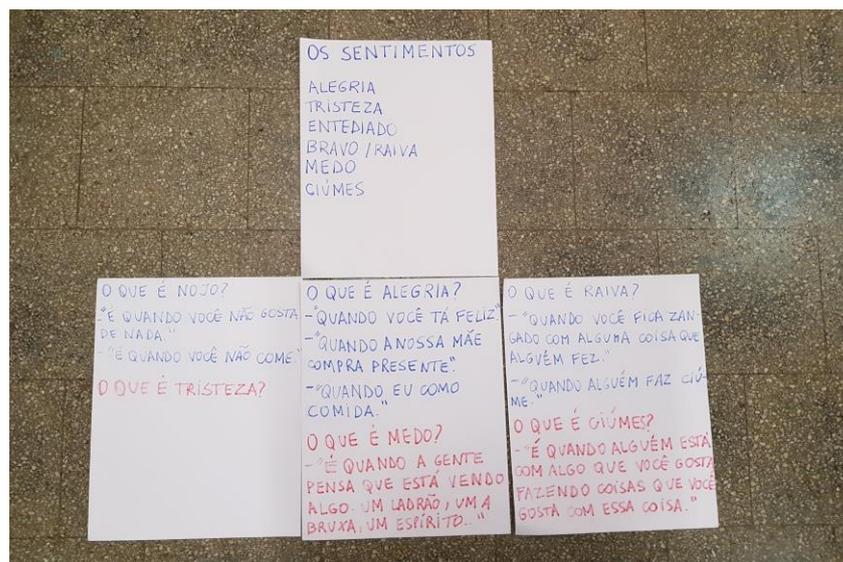


Foto: Significados dos sentimentos – parte 1, 2ª roda de conversa sobre sentimentos

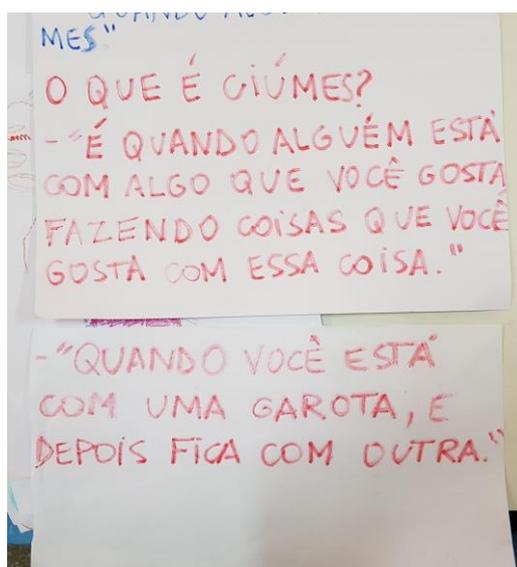


Foto: Significado dos sentimentos – parte 2, 2ª roda de conversa sobre sentimentos

Depois de um certo tempo sem conseguirmos dar continuidade a oficina de sentimentos, nós retomamos e neste momento a turma 52 se uniu a nós e juntos finalizamos (por enquanto) a lista dos sentimentos e seus significados:

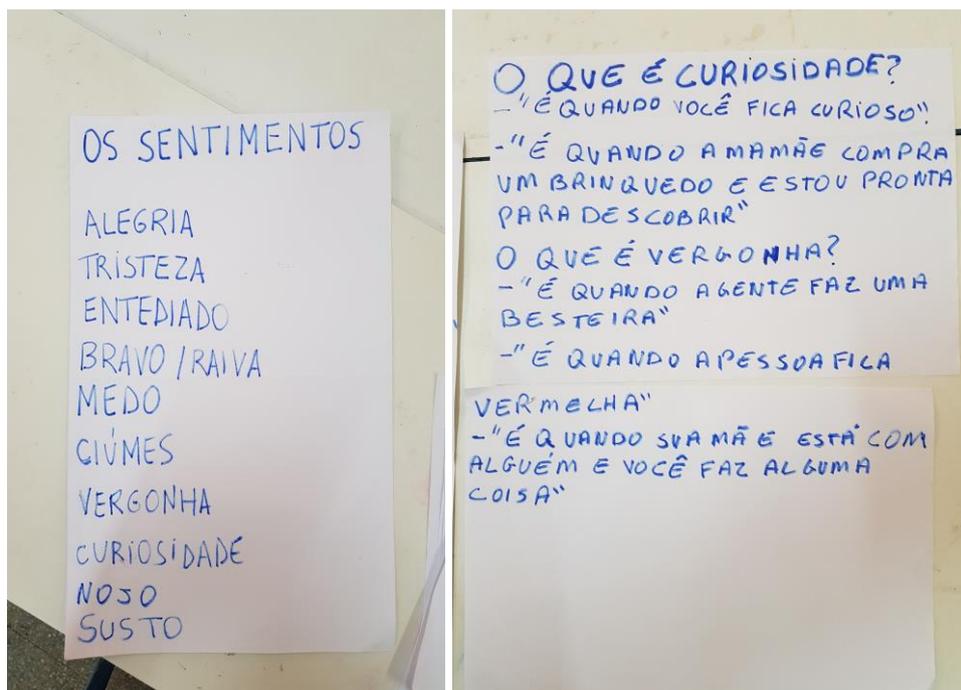


Foto: À esquerda temos a lista dos sentimentos que as crianças conhecem com as novas adições feitas na 3ª roda de conversa sobre os sentimentos; à direita temos os significados de duas novas palavras

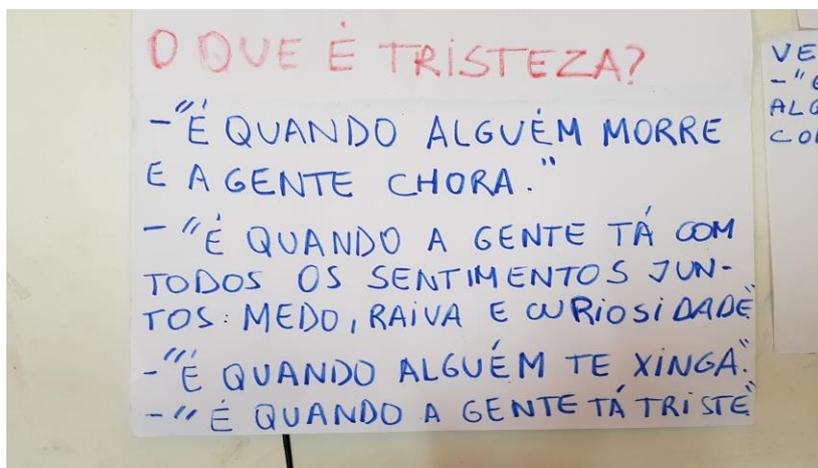


Foto: Significado de tristeza, o sentimento apareceu na 2ª roda, mas só foi finalizado na 3ª roda de conversa sobre os sentimentos

Fechando as rodas sobre sentimentos, na 3ª roda começamos a pôr em prática a 2ª parte da oficina que consiste em escrever ou desenhar sobre o sentimento que você deseja expressar, quando a criança sinta que está com muita raiva, muito alegre ou quando simplesmente sentir a necessidade de conversar sobre como está se sentindo ela irá pedir para fazerem uma roda e conversar sobre com as professoras e outras crianças, se sentir necessidade de escrever ou desenhar poderá fazê-lo e depois guardar na respectiva caixa do sentimento o que sentiu ou está sentindo.

Seguindo com as oficinas a próxima que tivemos foi sobre a cor de pele e o tipo de cabelo. Muitas crianças, em sua maioria as meninas pretas, não assumiam sua cor e seu cabelo. Em torno disso, fizemos um trabalho que estivemos construindo com elas desde o ano passado e agora pudemos dar uma maior visibilidade. Para isso convidamos Maria Gabriela, graduanda de Pedagogia na UNIRIO, para contar uma história sobre princesas negras intitulada “As doze princesas dançarinas” adaptado por Rachel Isadora. Ela ainda levou uma das princesas a quem deu o nome de Dandara e depois propôs que todos desenhassem as princesas da história ou fizessem uma nova. Rebecca, que agora se reconhece como preta, amou ver uma princesa como ela e se agarrou a boneca porque era igualzinha a ela, pele e cabelo. No mesmo dia em que Maria veio, contamos a história do livro “A cor de Coraline” escrito por Alexandre Rampazzo em que mais uma vez ressaltamos que não existe somente uma cor de pele, existem vários tons de pele.



Foto: à esquerda as alunas Kaylanne e Alicia com a boneca Dandara; à direita os alunos Bernardo e Rebecca com a convidada Maria (graduanda de Pedagogia na UNIRIO) e a boneca Dandara com o 1º desenho que Rebecca fez sobre a contação de história

No início do ano, pelo atraso e falta de pagamento aos servidores públicos e terceirizado, nossas reuniões com as crianças vivendo a filosofia não teve muitas oportunidades para ocorrer já que as crianças do ensino fundamental estavam tendo poucos dias de aula e a professora Ana Paula tinha poucos dias com as crianças e não teria como dispor tempo para fazermos o encontro, contudo a situação melhorou um pouco e pudemos retomar nossas atividades em pleno funcionamento. Podemos perceber como se faz necessário e importante os encontros de

filosofia para as crianças quando elas nos perguntam se terá filosofia ou se terá PIBID essa semana, ou por que não teve, já que eram para ser encontros semanais ou quinzenais.

A coordenadora Carmen ao ir em uma palestra na UERJ e presenciar um abecedário filosófico sendo feito por Walter Kohan, propôs a turma do Projeto “*Filosofia com Crianças*” a fazer um Abecedário da turma 201. Com base nesta ideia começamos um abecedário filosófico com as crianças do 2º ano do ensino fundamental do ISERJ da turma da professora Ana Paula, que possuía como base usar inicialmente palavras presentes em uma mandala feita pela turma intitulada “Ubuntu” que continha palavras importantes para toda a turma e depois de feitas todas as palavras presentes neste pano fizemos uma roda para escolher mais algumas palavras que não se encontravam no pano, mas eram importantes para a turma também.



Foto: Pano “Ubuntu”

Com estas palavras formaram duplas e cada uma ficou responsável por uma palavra, escreveram e desenharam o que cada dupla pensava ser o significado de sua palavra no caderno que o PIBID deu para que elas pudessem usar especificamente para os encontros de filosofia. Este movimento se repetiu em todas as nossas rodas de filosofia a fim de completar o Abecedário. A escrita em forma de poema se mostrou presente nos últimos encontros de filosofia, a partir da observação de um grupo de pibidianas e da coordenadora foi levado este movimento de escrita para a roda e algumas crianças gostaram desta forma de escrever e adotaram esse método, construindo elas mesmas suas próprias poesias. Nossa filosofia no PIBID é dar abertura para a criança construir por si própria seus pensamentos, suas escritas,

seus “produtos” (utilizando, neste caso, esta palavra em seu sentido mais flexível, onde o produto é uma consequência de uma construção autônoma da criança) e, o Abecedário da turma 201 se fez tão potente por ser algo que as crianças possuíam autonomia para fazer, para pensar e discutir sobre suas opiniões, e principalmente por ser uma experiência que as crianças ansiavam toda semana para viver e, descobrir o que aquela nova roda iria trazer para mais uma vez questionar e ressignificar palavras.

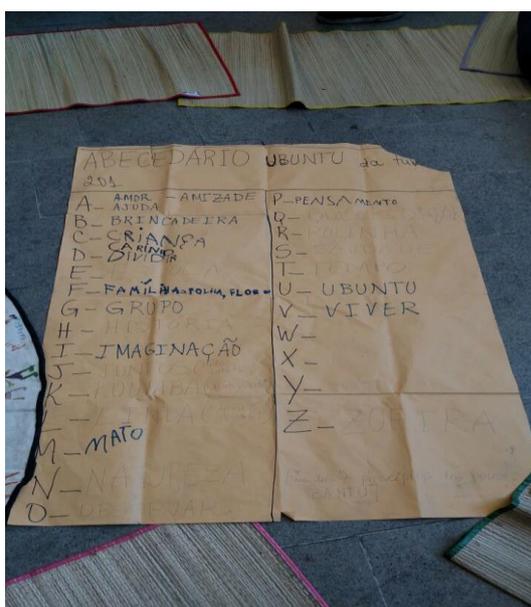


Foto: Abecedário Ubuntu da turma 201, quase finalizado



Foto: Momento de reflexão em dupla sobre uma das palavras do abecedário, alunos João e Rafaela

## Capítulo 4: Tecendo o ponto final

### 4.1: “Tia, você vem amanhã?” (Kaylanne)

No decorrer de minha experiência como bolsista PIBID durante estes quatro anos, pude aprender mais do que poderia imaginar, depois deste tempo carrego uma imensa carga de conhecimento que, acredito eu, só um programa como o PIBID poderia me proporcionar, é uma perfeita junção do estudo da teoria com a prática e o estudo desta prática. O programa me deu a certeza de que o curso de Pedagogia é o ideal para mim, pois entrei no curso não o querendo e, o programa, toda sua vivência e suas possibilidades, me fizeram perceber o curso que realmente se encaixava nos meus ideais.

As reuniões com as outras pibidianas, as professoras supervisoras da escola era um espaço de troca, de reflexão e de escuta muito importante, era onde todas contavam como estava sendo sua experiência em sala, como era a relação de cada pibidiana com as crianças e as professoras e funcionários da escola, era onde víamos possibilidade de fazer algum trabalho em sala, era onde tentávamos entender a prática, por que ela ocorre de determinada forma e não de outra naquele espaço.

Neste espaço de troca pude refletir sobre minha própria experiência e pré-conceitos. No PIBID foi onde tive minha primeira base prática na escola, antes do programa nunca havia tido experiência em uma escola, como professora, como o alguém responsável pelo ensino, somente pela minha própria passagem pela escola como estudante.

Logo em meu primeiro ano como bolsista PIBID propus minha primeira atividade em conjunto com outra pibidiana, foi onde, pela primeira vez comecei a perceber o que o PIBID mudaria na minha formação. Neste projeto aprendi a escutar, entendi que a criança não precisa fazer um desenho pronto e direcionado para que saibamos que ela tenha entendido o que lhe foi mostrado. A criança precisa exercitar sua fala, a partir dela iremos saber do que elas gostaram, se entenderam, se vão querer que continuemos com nossa proposta, a potência da criança está em seus atos e em suas falas. Fazemos uso recorrente da teoria de Jacques Rancière sobre a igualdade de inteligências, “os amigos da igualdade não têm que instruir o povo, para aproximá-lo da igualdade, eles têm que emancipar as inteligências, têm que obrigar a quem quer que seja a verificar a igualdade de inteligências” (RANCIÈRE, 2002). Acreditamos que toda inteligência é única, toda construção de pensamento é única e deve ser tratada como tal, no PIBID temos

costume de fazermos rodas de conversa entre nós (pibidianas) com as crianças e entre nós mesmos em nosso grupo de estudo, e tal ação com crianças traz para nós a importância de “cedermos” ao preceito de que somente o adulto “transmite” o conhecimento e que a criança é só um receptáculo, no PIBID vemos as crianças inúmeras vezes nos surpreenderem com sua inteligência, seus pensamentos transformados em falas potentes e autorais. Crianças tem opinião e deve ser levada em consideração. Planejamentos de atividades devem contar com as ideias e opiniões das crianças, afinal, elas são os sujeitos que queremos alcançar. Não podemos sobrepor os saberes e os classificar se um é mais importante do que o outro. O sentido de importante é entendido diferente por cada sujeito. Parafraseando Maturano: todos podem ensinar, todos podem aprender.

Todos os anos o PIBID veio para me mostrar diferentes caminhos pedagógicos e reafirmar antigos. Em meu segundo ano levo comigo a incrível experiência de trabalhar em conjunto nas decisões e atividades envolvendo a turma, minha presença, e acredito poder dizer, importância na turma foi ganhando novas proporções, graças a uma maior abertura em sala, concedida por uma das professoras regentes. Este ano cresci como professora, entendendo como era difícil e compensatório construir um currículo pautado no cotidiano da turma. A cada momento foi se intensificando a criança como protagonista da própria infância e da própria educação na escola.

O terceiro ano do projeto trouxe intensas reviravoltas tanto para a escola quanto para mim. Com a greve dos docentes e terceirizados a dinâmica da escola mudou. A pré-escola deixou de ser integral e voltou a trabalhar em período parcial. A turma que eu acompanhava foi para o período vespertino e não pude mais acompanhá-la. Demandou uma grande aceitação por minha parte pois eu não me imaginava sem minha turma, principalmente porque era o último ano dela na pré-escola e no ano que se seguiria não acompanharia mais ela. Neste momento minhas companheiras e coordenadora de PIBID foram de essencial ajuda para eu passar da fase de negação e ver a beleza da nova turma que comecei a acompanhar. Com esta nova turma segui uma nova linda fase, onde aprendi e cresci como estudante-pesquisadora.



Foto: turma 43 em 2015

Por fim, em meu último ano sigo com minha nova turma com aprendizados e vivências que eu jamais pensei que iria passar. Os sentimentos neste último ano foram intensificados e de extrema importância na turma e para nós que a acompanhamos. Relações entre crianças e relações de crianças com elas mesmas foram exploradas a fundo este ano, fazendo com que transbordassem de emoção, como a aluna Maria Luiza que gradual e repentinamente foi se enchendo de emoção e chorou, porque era muita emoção, era muita alegria em estarmos explorando o que as crianças sentem e como elas estavam. As crianças este ano estavam em busca do descobrimento. Com a nossa proposta de as ouvir e trabalhar com suas demandas, elas nos trouxeram diversos temas movimentando e criando um currículo único (no sentido da preciosidade e de ser um currículo construído a partir das crianças, não tendo outro igual).



Foto: turma 51 em 2017

Com minha primeira turma não consegui me despedir devido ao momento que a escola estava vivendo, mas com a nova turma fiz com as outras pibidianas e as professoras da turma uma roda de despedida

O cuidado na educação infantil sempre se fez muito presente, desde o momento de escutar a criança e aprender com ela. O brincar me trouxe a percepção da imaginação da criança, do quanto ela sabe e o que ela faz com este saber. O maior ensinamento que eu tive neste projeto foi o de finalmente: *ver*. As crianças e o grupo me ensinaram a cada vez mais prestar atenção e ter uma escuta e um agir mais sensível. Crianças são seres peculiares e simples ao mesmo tempo.

A possibilidade de realizarmos atividades com as crianças, tendo, de certo modo, uma liberdade que em um estágio curricular comum não poderia ter, é um grande modo de agregar conhecimento, tanto se a atividade dá certo e principalmente quando ela não dá, pude passar por ambas as situações e elas somente me fizeram uma melhor futura professora, pois pude passar por estas experiências tendo como respaldo uma grande equipe de apoio que me ajuda e me guia em minha trajetória. Certamente tenho muito a aprender ainda e o desejo de me aprimorar, porém sem minha vivência no PIBID eu não estaria onde estou hoje, não teria a mesma imagem da Pedagogia como a que tenho hoje, como a que o PIBID me fez perceber que este curso poderia ser.

Como diria Foucault “uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado”. Experienciar o PIBID me fez transformar e estar aberta a sempre me reinventar. Todos ao meu redor sabem o quanto minha vivência no programa foi e é importante na minha formação, no meu crescer como estudante-pesquisadora e para todo o meu futuro como professora-pesquisadora. O PIBID vem para afirmar a necessidade de estarmos conectados com as crianças, pais, e a escola como um todo e principalmente como temos que estar conectados com nós mesmos, para assim fazer a diferença e viver a diferença na educação. Viva o PIBID! Viva ao ISERJ! Viva a pesquisa formativa! E meu muito obrigada.

## Referências

AUTOR DESCONHECIDO. **Pedagogia de Projetos**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia\\_de\\_Projetos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia_de_Projetos)>. Wikipédia. Acesso em 20 de junho de 2016.

BENJAMIN, Walter. **Velhos brinquedos: sobre a exposição de brinquedos no Märkische Museum**. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Brasil: Editora 34, 2009, 2ª edição.

BOUTANG, Pierre-André. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989. Disponível em: < <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

BOSA, Cleonice. **Autismo: Atuais Interpretações para Antigas Observações**. In.: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice (Orgs.). *Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, v. 1, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

CRECHE ISERJ. **Projetos Desenvolvidos na Creche**. Brasil, 2011. Disponível em: <<http://crecheiserj.blogspot.com.br/>>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

DESCARTES, René. Disponível em: < <https://www.pensador.com/frase/MTI4NzY/>>. Acesso em 09 de outubro de 2017.

DE MELO, Kilma Gouveia **O processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo, na sala do ensino regular: das concepções às práticas das suas professoras e profissionais de apoio**. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6157/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em 22 de junho de 2017.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p.208.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FETZNER, Andréa Rosana. **Conheça o Projeto PIBID UNIRIO**. Disponível em: <<http://arfetzner.blogspot.com.br/2011/11/conheca-o-projeto-pibid-unirio.html>>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire - 53ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos & Escritos VI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

KOHAN, Walter O. (org). **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 52.

\_\_\_\_\_, Walter O. (org). **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.56-57.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Paz & Terra, 2015.

LARROSA, Jorge. **Desejo de realidade - Experiência e alteridade na investigação educativa**. In: *BORBA, Siomara & KOHAN (orgs.) Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MARINHO, Heloísa. **Vida e Educação no Jardim de Infância**. Editora Conquista. Brasil, 1967.

MOURA, Daniela Pereira de. **Pedagogia de Projetos: Contribuições para Uma Educação Transformadora**. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogiadeprojetos/?pagina=2>. Visto em 20 de junho de 2016.

Normatização de Trabalhos Acadêmicos. **Monografia**. Disponível em: <[http://fio.edu.br/manualtcc/co/modulo\\_%20Principal\\_1.html](http://fio.edu.br/manualtcc/co/modulo_%20Principal_1.html)>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, Ana Clara; GUEDES, Beatriz; TEX, Bianca; TAVARES, Ligia; ROCHA, Nathália Caroline. **Educar, Cuidar e Brincar na Educação Infantil**. Brasil, 2015.

2ª ETAPA DA ED. INFANTIL DO ISERJ. **Proposta Pedagógica**. In: *Folhinha da Educação Infantil do ISERJ*. Disponível em: <<http://educacaoinfantil2etapa.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

RANCIÈRI, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/User-

5364/Downloads/Jacques%20Ranci%C3%A8re%20O%20mestre%20ignorante.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2017.

SAMPAIO, Carmen Sanches; SANTIAGO, José Ricardo; ALVES, Renata. **Infâncias com as infâncias: narrativas de uma aproximação entre a filosofia e crianças de educação infantil**. Disponível em: <file:///C:/Users/User-5364/Downloads/26041-83978-1-PB.pdf>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

SASSI, Iride. In: LIRA, Davi. **Seminário discute modelo de educação italiano que defende mais autonomia, protagonismo e participação dos pais na escola**. Disponível em: <http://porvir.org/a-crianca-e-um-sujeito-ativo-deve-ser-escutada/>. Acesso em 09 de outubro de 2017.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm> Acesso em 22 de junho de 2017.

UNIRIO. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. Disponível em: <http://www.unirio.br/pibid>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Capítulo 7 – Pensamento e Palavra**. Ed. Ridendo Castigat Mores. In: *Pensamento e Linguagem*. Disponível em: <http://ruipaz.pro.br/textos/pensamentolinguagem.pdf>. Acesso em 17 de dezembro de 2016.

WINNICOTT, D. W. **Capítulo 4 – Comunicação linguística e representação simbólica**. In: *Privação e Delinquência*. Editora WMF Martins Fontes. Brasil, 2012.